

# O rapaz que não se tinha quieto

Apresentação

17 – maio – 2014

Pó dos Livros

Como se apresenta um livro de um escritor? Como se apresenta um livro da Rita que escreve no ponto perfeito entre a grande literatura e a legibilidade (no sentido de uma leitura que quase se impregna no corpo sensorial de quem lê?)

Como se fala das ilustrações da Ana que mergulham no texto para lhe entregar ainda mais lastro, sensivelmente, sem guerrear, competir ou redundar com as suas imagens de palavras ?

Como falar disto tudo, escrevendo, quando essa impressão no papel me obriga a fixar e eu sou mais como este rapaz e as minhas palavras não se querem quietas e por isso falo muito a correr. E, mais que isso, escrever sobre o que escreveu uma escritora de verdade ou o que desenhou uma pintora que ilustra a sério, o melhor, o melhor mesmo, é não dizer absolutamente nada, ou dizer que leiam, que olhem, que vejam, que sintam na mão o peso do livro e a espessura do papel enquanto o folheiam, que isso é a coisa mais certa a fazer. Ou que ouçam apenas o José Carlos Cortez que vai ler em voz alta alguns excertos.

É com esta premissa, tenham-na em mente, que me afoito ao papel que se anuncia no convite: “apresentação”. O que se segue são apenas algumas notas de leitura, fios evidentes que se recordam em partilha com quem já leu o livro ou que esboçam ao longe - como a Ana faz - uma ou duas constelações que sejam farol para os que ainda estão no caminho de chegar.

Comecemos pela componente gráfica que é a ponta-e-mola do olhar em termos de leitura. No caso especial deste livro, as ilustrações posicionam-se cenograficamente, como quem envolve o texto. Não caíram na tentação mais óbvia de representar ou figurar, o que quebraria em essência o pacto de musicar estas palavras na nota maior: o desejo, o sonho, a viagem. Pelo contrário, as imagens soltam o texto para o ancorar num espaço ainda mais amplo, livre, azul, abrindo-lhe totalmente a respiração.

A Ana escolheu um azul perfeito: denso, que não é mar, nem noite, mas céu. E esta conceptualização é interessante no jogo com o volume do livro; apesar de o lermos fisicamente em frente, a percepção que temos é a de que as imagens estão por cima do texto verbal, sempre. Um cenário, que como a raiz da palavra indica (numa etimologia inventada neste momento), é vertical, firmamento. Quase tal como diz a Rita, algures no seu texto: “numa gravidade invertida”. E o resultado da sua fusão com o que vai querendo, pensando e sentindo o nosso rapaz, à medida que o vamos lendo, é de uma qualidade sinestésica perfeita.

Tudo isto é reforçado pelo projecto gráfico do livro (cuja autoria é também da ilustradora). Capa e guardas revestem-se integralmente do mesmo tom de céu, depois continuado na tipografia, que aqui se revigora através do contraste com o branco luminoso/dia da folha de papel, rimando com a energia vital do rapaz. O tipo de letra, redonda e arejada, comunica também esta personalidade e adequa-se aos leitores implícitos deste texto: crianças quase jovens (a contemporaneamente apelidada literatura *cross-over*, aquela que ajuda a fazer a ponte), ou jovens, ou adultos, (ou todos), respeitando-os com a sobriedade de um livro “a sério”, mas oferecendo espaços de ânimo (a ilustração ou, veja-se, por exemplo, a respiração dada na entrada de cada capítulo).

Assim se garantem que as outras componentes estéticas do livro são cuidadas e confirmadas como texto, também. Isto não é muito frequente no juvenil. Bravo à Caminho que aposta desta maneira nesta faixa de público.

Vejamos de onde isto nasce assim, como semente e raiz: da escrita da Rita, luminosa e transparente, no sentido da máxima coerência entre o tema e os modos narrativo e estilístico. Uma peça sem costuras à vista, fazendo acreditar que é sopro (e não técnica) o segredo da sua fluidez, mais ainda porque se apaga, porque não quer deixar marcas ostensivas que a exibam. Como se não fosse exactamente o contrário: só uma enorme segurança técnica a possibilitaria.

Doce, mas muito firme, assim é a mão da Rita, fazendo-nos deslizar com facilidade através de uma nada simples construção. Temos, logo como exemplo evidente, a voz do narrador, na primeira pessoa, cheia de armadilhas para a nossa distância e projecção em continuum:

p.7 “Gosto de viajar. Mas sou um miúdo pequeno, e os meus pais dizem que os gaiatos não se fizeram para andar por aí a passarinhar como se fossem andorinhas; ou saltimbancos, ou acrobatas, ou arlequins, polichinelos. (...) Mas não sou nenhum artista, nem de circo nem de coisa nenhuma: não passo de um catraio miúdo que gosta de viajar, mas que não sai do mesmo sítio.”

O eu que nos conduz ao mergulho neste desejo de estrelas maiores de céu e mar é este menino, dono da fala. Modula-se assim um discurso que, afinal, é um longo e intenso pensamento monologado em que nos revemos, projectamos e evoluímos o que não é de todo o género “aventura” de fórmula fácil, que se dá habitualmente aos jovens com receio de os espantar – não no belo sentido do espanto, mas o do temor/afastamento- em relação aos livros.

O rapaz cresce, ao som de uma intrincada dança de tempos literários que coexistem no texto. Somos enganados por uma espécie de “agora” permanente, ilusoriamente eterno: atentem e percebam como se tece o jogo entre o “antes”, o “futuro”, o “neste momento”. É de mestre!

O miúdo é homem antes de darmos por isso, distraídos que estamos a conhecê-lo pelo que diz de si, do que diz que dizem dele, do que pensa, do que quer...

p.17 “O comboio não será transporte para mim, para quando deixar de ser este catraio pequeno e puder entrar e sair à vontade, com toda a liberdade, dos meus dois mil metros quadrados”.

Este é também um texto de ecos e correspondências (no sentido de diálogo, carta). Conheci a Rita na FLUL através um poema: pequeníssimo, simples, de palavras lavadas. Não sei como se chamava mas era de Dulcineia que falava, mulher-inspiração de um outro que não se tinha quieto em jornada delírio, também negada pela razão dos demais. A força da escrita daquele breve poema foi-me tão evidente como a água ou uma árvore ou uma pedra. Era isso mesmo e nada mais ou a mais.

Estava afixado na parede de uma exposição e foi aí, antes de a conhecer, que aprendi o nome dela: Rita Taborda Duarte.

p. 7 “Aquele M virado do avesso (W), que dizem ser uma letra estrangeira que a minha professora nunca me ensinou e que faz parte de uma constelação de nome estranho que rima com meia, com teia, com Dulcineia (...)

Ecoam nesta novela p.8 “espaços em volta” em torno de poetas e de escritores. O interlocutor mais directo é Branquinho da Fonseca e o seu livro “O Barão” de 1942, aqui em bela e intencional contra-dança. A citação é assumida, na página 14, como claro mote para a escrita -ao contrário- deste nosso menino. Dizia a personagem de Branquinho:

- “Meu caro rapaz, para pensar bem é preciso estar quieto.(...) Nunca te esqueças e aprende rapaz, aprende sempre, para se pensar bem é preciso estar quieto.”

Mas, há mais que isso na relação entre estes dois textos: os modos aparentemente simples da tessitura, ou as personagens: o inspector escolar, a Bela Adormecida aqui personificada terra de quem, inversamente também, o nosso miúdo depois de crescido recebeu a rosa.

Na escrita destes dois autores a espessura é nítida, como que se cruzassem pólo masculino e feminino em similitude, a nossa escritora e Branquinho, ou não tivesse ela, justamente, recebido um Prémio instituído pela Gulbenkian com o nome dele, com o livro “A verdadeira História de Alice”, quase como um certificado disso mesmo. Relembro que esta novela integrou em 2005 um volume de homenagem a Branquinho da Fonseca, “Quatro histórias com o Barão”.

Também por esta razão se torna o nosso volume um testemunho do seu tempo mais que pós-moderno, concatenando espaços, tempos, vozes, referências e jogos, somados por uma escrita que os sobrepõe ou alinha como se em retalhos de papel vegetal estivessem fixados, através da tal cola luminosa da Rita que não deixa vestígio ou borda saliente. E esta é uma qualidade da sua voz, tão quase parecida com ela fisicamente.

E precisamente para estes tempos modernos, em que os professores andam perdidos da estrela polar, querendo da literatura apenas o que ela não é: “um livro para...”, como umas moedas que se metem numa máquina para sair uma coca-cola, este livro oferece

justos engodos: matemática, geometria descritiva, astronomia, uma série linhas de tipo arpão utilitário a pescá-los – pois que isto só da literatura não chega para nada -, mas que logo se transformará em rede, depois teia, depois meia, depois... lugar de estrelas a resgatar gente para o mar texto literário, por si, infinito.

Falo desta novela e deste livro em particular, extraordinário faroleiro de naufragos ou nados-mortos da literatura. A linguagem é uma das suas luminárias, poética e impregnada pela visualidade como “um emaranhado brilhante”, tal como diz a escritora ao falar das constelações, em justaposição directa com uma coloquialidade extrema, como na p.38 “uma a uma é que as estrelas se carregam bem, agora acartar ao lombo de uma vezada as sete estrelas da ursa maior, e mais as outras tantas de ursa menor, não é pera doce”. É a mistura das palavras do sonho com as palavras da terra, uma terra que até já quase não existe.

O ritmo, mais um foco de luz desta quieta inquietude, tem como um dos seus instrumentos estas alternâncias. Outro é o corte em capítulos curtos com títulos sugestivos, coadjuvados depois graficamente por subcortes ou espaços entre unidades semânticas ao longo de todo o texto para produzir fôlego.

Outro recurso é a profundidade semântica do texto, arrumada em camadas, como na geologia: literais, alegóricas, metafóricas. A história deste rapaz é a dele, é a de cada leitor porque nos interpretamos através dele, é a do mundo político que nos envolve, é a da humanidade... de onde alguém “neste momento, neste momento preciso” está a olhar “de relance, o céu estrelado” e “há-de com certeza reparar: está um nadinha mais escuro”, como se diz no final do livro.

Tenho a certeza de que esse alguém está nesta sala. Será mais que um, sei. Por isso, agora me calo de vez, para que este escuro se ilumine, acalmado o rumor em volta, e se cumpra em absoluto o convite do nosso livro: a imersão física total nesse azul, concatenando-se todos os planos no acto da leitura, cumprindo-se a palavra literatura que nele brilha. Os meus sinceros parabéns à Rita e à Ana (e à Caminho) por esta edição.